

14º ENEPE UFGD

11º ENCONTRO DE ENSINO DE GRADUAÇÃO

14º ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

14º ENCONTRO DE EXTENSÃO

13º ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO

REINVENTANDO CAMINHOS: DESAFIOS E OPORTUNIDADES
PARA O ENSINO, A PESQUISA E A EXTENSÃO



A CISNORMATIVIDADE ENQUANTO CATEGORIA PRÉ-DISCURSIVA

Patrick de Almeida Trindade Braga (patrictrindadee@hotmail.com)

A cisgeneridade não pode ser propriamente definida sem exteriores constituintes. Ela é a identificação de um sujeito com o gênero que lhe foi atribuído pelo discurso médico no momento de seu nascimento, mas só faz sentido enquanto categoria quando relacionada a termos como transgeneridade (a não identificação de um sujeito com o gênero atribuído quando de sua nascença) e a intersexualidade (uma inconformidade biológica entre aquilo que se espera de um corpo (tratado como) normal e a realidade material). Assim, a categoria cisgênero só é potente por poder se contrapor à categoria transgênero e servir como padrão norteador que permite o diagnóstico clínico de casos de intersexualidade. Uma análise histórica da noção de cisgeneridade aponta para a juventude do conceito, mas também demonstra que, mesmo sendo relativamente recente, é-lhe outorgada - pelo discurso médico - uma posição de condição natural pré-discursiva. O presente trabalho, parte de uma pesquisa em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Faculdade de Ciências Humanas (FCH), em diálogo com teorias pós-estruturalistas e pós-coloniais sobre a maneira de se conceber os fluxos desejantes, a sexualidade e os discursos hegemônicos, sobretudo o discurso médico moderno, tem como objetivo explicitar a função política da naturalização do conceito de cisgeneridade, demonstrando que, ao ser alçada a tal posição pretensamente natural e pré-discursiva, tal conceito invisibiliza e chega mesmo a impossibilitar viveres e saberes divergentes, operando, portanto, como um dispositivo necropolítico. Para tal, foi realizada extensa revisão bibliográfica acerca, analisando-se os discursos que versam a maneira moderna de se conceber o sexo (supostamente) biológico no saber médico, bem como dos impactos de tal concepção em outras esferas da vida social. Tal análise vai na direção de evidenciar que a naturalização da categoria cisgênero operava, a princípio, com fins biopolíticos de constituição da subjetividade moderna, mas, como todo dispositivo biopolítico, acaba operando também de forma necropolítica, tornando certas vidas "invivíveis", deslegitimando formas de conhecimento não hegemônicas, ou subalternas. Diante disso, conclui-se a necessidade de uma produção de conhecimento que desvele que o verniz biologizante e universalizante utilizado por certos discursos científicos modernos tem como fim maior a consolidação de um discurso colonialista excludente e restrito a uma parcela minoritária que se encaixa em seus valores sociais falsamente neutros. Aponta-se, por fim, a urgência de uma produção de conhecimento pós-colonial que deixe de reproduzir discursos necropolíticos e aja de forma crítica frente a conceitos consolidados, de modo a constituir um saber-poder mais plural e equânime.